
Mulheres no *Tinder*: Um Estudo Sobre Relações Online e Violência de Gênero¹

Mari Luana da Conceição POZZOBON²

Sandra Rúbia da SILVA³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Muitas mulheres são inferiorizadas por utilizarem aplicativos ou sites de relacionamento pela internet. O machismo ainda é presente e o corpo feminino é visto como um templo que deve ser preservado e protegido. O artigo “Mulheres no *Tinder*: Um Estudo Sobre Relações Online e Violência de Gênero” busca entender como se dão as relações online, quais são as implicações decorrentes da utilização do aplicativo por mulheres da cidade de Santa Maria e o por que algumas delas são dependentes da aprovação e do desejo masculino para satisfazer suas vontades. O objeto de pesquisa é a violência de gênero e as relações online no aplicativo *Tinder*. Este artigo é uma pesquisa de inspiração etnográfica com mulheres que utilizam o aplicativo *Tinder* e faz uma análise sobre suas experiências e percepções.

PALAVRAS-CHAVE:

Tinder; Relações Online; Mulheres; Violência de Gênero.

INTRODUÇÃO

A Comunicação e as Ciências Sociais têm estudado sobre as relações interpessoais que se dão online. Um espaço no qual não é necessário a presença física de um humano para se realizar um processo comunicacional.

¹Trabalho apresentado no IJ05 - Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do curso de Relações Públicas da FACOS - UFSM - RS. Bolsista FIPE de Iniciação Científica, registrada no CNPq e integrante do Grupo de Pesquisa Consumo de Culturas Digitais, email: maluana.ufsm@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Dep. de Ciências da Comunicação da FACOS - UFSM e coordenadora do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais, email: sandraxrubia@gmail.com.

O mundo presencia atualmente um processo de compartilhamento de elementos culturais do mundo todo. Trata-se das possibilidades que as redes e as tecnologias eletrônicas e digitais nos apresentam, é a emissão e a produção de dados e informações que fazem o mundo cibernético funcionar.

A necessidade de se comunicar ultrapassou as fronteiras continentais, seja em blogs, chats ou até mesmo em aplicativos, como o Tinder, um aplicativo de relacionamento afetivo que já possui milhares de usuários espalhados pelo Brasil. Com as facilidades da comunicação podemos viajar virtualmente e conhecer pessoas de todos os cantos do mundo.

A internet como a conhecemos está passando por uma série de reconfigurações, já que esta passa por mudanças todos os dias. Para Castells (1999) “a sociedade em rede não apenas está se fazendo cada vez mais inclusiva via os recursos que desenvolve e coloca à disposição, está estimulando a iniciativa e a ação comunicativa dos seus sujeitos”. Porém, a comunicação entre esses sujeitos nem sempre é ou será benéfica ou respeitosa. A internet dá voz e liberdade para muitas pessoas dotadas de preconceito, machismo e intolerância. E é por isso que muitas mulheres relatam histórias de assédio no ambiente virtual, além disso, elas se sentem com menos liberdade que os homens para realizarem as mesmas atividades.

O presente estudo tem como objetivo debater assuntos como relacionamento online e violência de gênero, analisando através da etnografia, o comportamento da população santa-mariense em relação às mulheres que utilizam o aplicativo digital *Tinder*. Para a análise, realizamos observações exploratórias em redes sociais, especialmente no facebook e entrevistas em profundidade. As pesquisadas foram mulheres residentes na cidade de Santa Maria e os relatos das pesquisadas estão presentes neste artigo com pseudônimos a fim de não expor a identidade delas. Optou-se por pesquisar diferentes perfis de pessoas, foram selecionadas mulheres brancas, negras, de classe média e baixa, universitárias e não universitárias, trabalhadoras, mulheres mais jovens e outras mais experientes. A fim de entender as semelhanças e diferenças entre as histórias.

VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A primeira corrente teórica que fala sobre a violência contra mulher no Brasil, é de um artigo de autoria de Marilena Chauí, intitulado de “Participando do Debate sobre Mulher e Violência”. CHAUI (1985) fala que a violência contra as mulheres é resultado de uma ideologia de dominação masculina que é produzida e reproduzida tanto por homens como por mulheres. Desde crianças, muitos homens são estimulados a se arriscarem e a resolverem seus conflitos de modo que, ao final, tenham a última palavra. O grupo de amigos e a pressão exercida por eles é outro fator que contribui para comportamentos autoritários. A autora define violência como uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com o fim de dominar, explorar e oprimir. A ação violenta trata o ser dominado como “objeto” e não como “sujeito”, o qual é silenciado e se torna dependente e passivo. As mulheres são violentadas, de forma física, moral e psicológica. Essas agressões estão presentes de forma mascarada nos papéis impostos às mulheres, como de castidade, padrões de beleza, esposa e mãe.

Existe uma ideologia, segundo a teoria, de que a mulher é inferior e o homem superior, como se pessoas do sexo masculino fossem mais capazes de desenvolver funções do que as mulheres. Isso se dá, devido ao cultura machista da qual somos submetidos. Leite (2006), disserta que por um longo período de tempo, a mulher foi vista como uma versão incompleta do homem, com a qual a sociedade deveria ter mais cuidados e receios. Para Lipovetsky (1997), a mulher não é vista como autônoma, mesmo sendo mãe, dona de casa e ainda trabalhar fora, ela vive para agradar outras pessoas e isso já é o suficiente para sua existência. Já o homem é tido como um indivíduo totalmente autônomo, livre e forte. Essa violência é o ápice do machismo, oprime e silencia as mulheres, além de fazer vítimas todos os dias.

Com uma abordagem um pouco diferente de Chauí (1985), Heleieth Saffioti introduz no Brasil, a segunda corrente sobre violência de gênero. A autora vincula a dominação masculina aos sistemas capitalista e racista. Nas palavras de Saffioti (1995, p.71), “o patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela

ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração. Enquanto a dominação pode, para efeitos de análise, ser situada essencialmente nos campos político e ideológico, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico”. Ou seja, para a autora, o beneficiado do patriarcado, capitalismo e racismo é o homem rico, branco e adulto.

Já Leite (2006), aponta que o papel imposto a mulher mudou muito com o passar do tempo, e que não podemos deixar de salientar as contribuições do movimento feminista para essa mudança. O autor compreende a violência machista como algo estrutural e questioná-la é também questionar o modelo capitalista, patriarcal, racista, homo-lesbofóbico e colonialista, o que vai de encontro com a fala de Safiotti (2006).

Segundo (MESSA, 2008, p. 39):

A representação feminina na mídia sempre esteve no alvo da crítica feminista. Foi a partir de preocupações oriundas do movimento feminista – como o sexismo e o papel do poder nas relações entre homens e mulheres – que as reflexões que tinham como foco a questão do gênero na comunicação ganharam destaque .

Salienta também que os celulares proporcionaram um pouco mais de liberdade para as mulheres, principalmente na forma em que elas se relacionam com o mundo e que isso foi primordial para o movimento feminista, foi através das redes que o poder de organização delas aumentou. Hall (2003, p. 209) explica que “o feminismo não teve uma data certa de chegada, tampouco um lugar certo, mas chegou como um ladrão à noite, invadiu; interrompeu”. O movimento tem um papel muito importante na desconstrução dos padrões impostos à elas.

Escosteguy aponta que (2008, p. 164):

Ser mulher no século XXI é, definitivamente, muito diferente do que foi no século passado. Principalmente no caso de também ser solteira. As solteiras do pós-feminismo têm uma agenda movimentada, alguns flertes em vista, uma carreira a se dedicar. Mesmo tudo sendo tão diferente, questionamentos acerca de sua condição ainda incomodam. Ser solteira na contemporaneidade, diante de tantas mensagens contraditórias que a mídia oferece, é muito mais que um estado civil, é uma batalha a ser vencida a cada dia.

Além disso, a forma como as mulheres se relacionam afetivamente mudou em alguns países desenvolvidos ou em desenvolvimento. Antigamente, muitas delas eram comprometidas aos parceiros logo cedo, e hoje conquistaram certa autonomia para

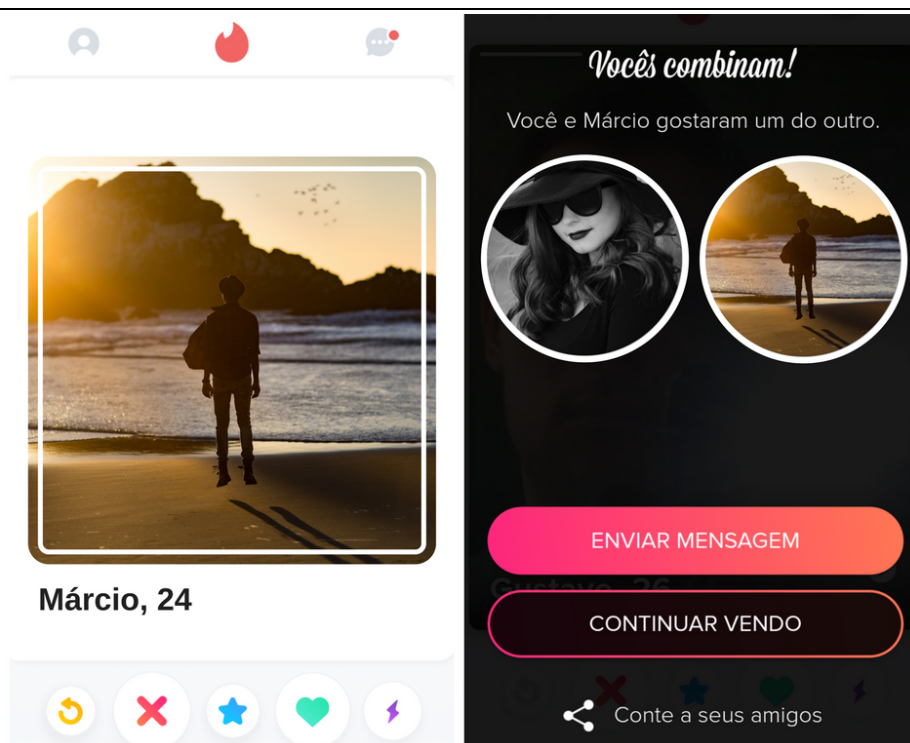
escolherem com quem e com quantos homens desejam ficar. É importante salientar que essa prática não é bem vista pela sociedade machista e que essa realidade de autonomia feminina não está presente em todos os estados e países. Muitas mulheres ainda são tratadas como mercadorias e vendidas por suas famílias como um objeto sexual.

MULHERES NO TINDER

O Tinder é uma plataforma digital que mudou o jeito que as pessoas se conhecem pelo mundo. É muito mais do que um aplicativo para encontros. O Tinder é uma ferramenta eficaz para conhecer pessoas, expandir a rede social, entrar em contato com habitantes locais durante viagens e descobrir pessoas que, caso contrário, nunca conheceríamos.

Idealizado em 2012 por três alunos da Universidade do Sul da Califórnia (EUA), o Tinder já possui cerca de 100 milhões de usuários no mundo, dos quais 10% (10 milhões) estão no Brasil, demonstrando uma grande importância do nosso país para a popularização do aplicativo, e conseqüentemente a aceitação do mesmo.

Para se cadastrar, é necessário possuir um e-mail ou vincular a conta do usuário no Facebook, acrescentar fotos e fazer uma breve descrição sua. Depois disso, é analisar os outros perfis, deslizar para direita quando tiver interesse e para a esquerda quando deseja descartar. O outro usuário só irá saber que você tem interesse, quando ele também deslizar para a direita, e então teremos um match, como exemplificado na imagem abaixo.

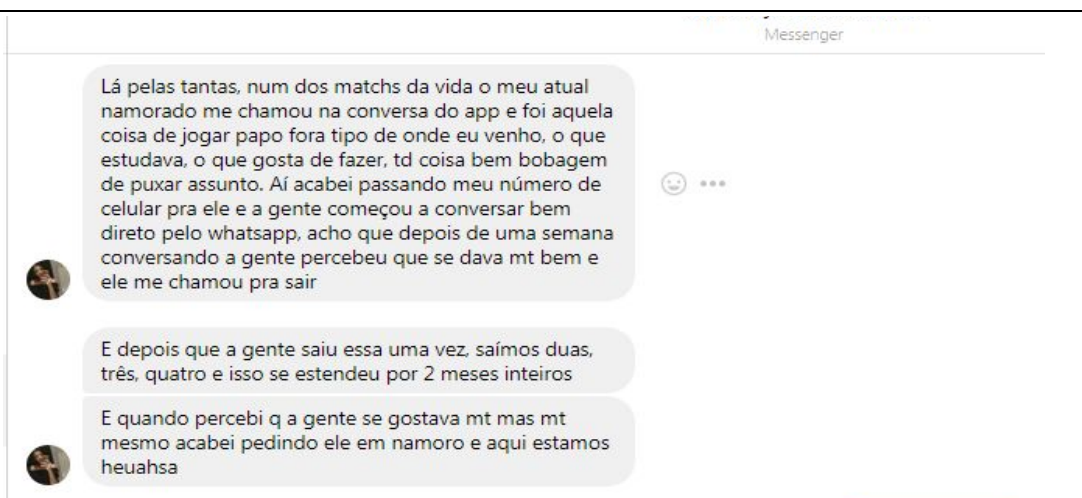


Castells contextualiza sobre a prática de comunicação nas redes afirmando que:

O sujeito se utiliza desses instrumentos sem o intento principal de estabelecer relacionamento sério, com as bases fundadas no respeito, cumplicidade, comprometimento, lealdade, amor e outras facetas, pelo contrário, utiliza com intuito de conseguir companhia ou uma solução rápida e eficaz para suas carências e desejos. Visualiza-se, dessa forma, uma crise nos valores sociais, onde a efemeridade e o consumo de pessoas por pessoas torna-se recorrente. Os indivíduos tornam-se mercadorias e moedas de troca próprias, reforçando um sistema que, gradativamente, adquire mais interlocutores e interessados. (CASTELLS, 2002)

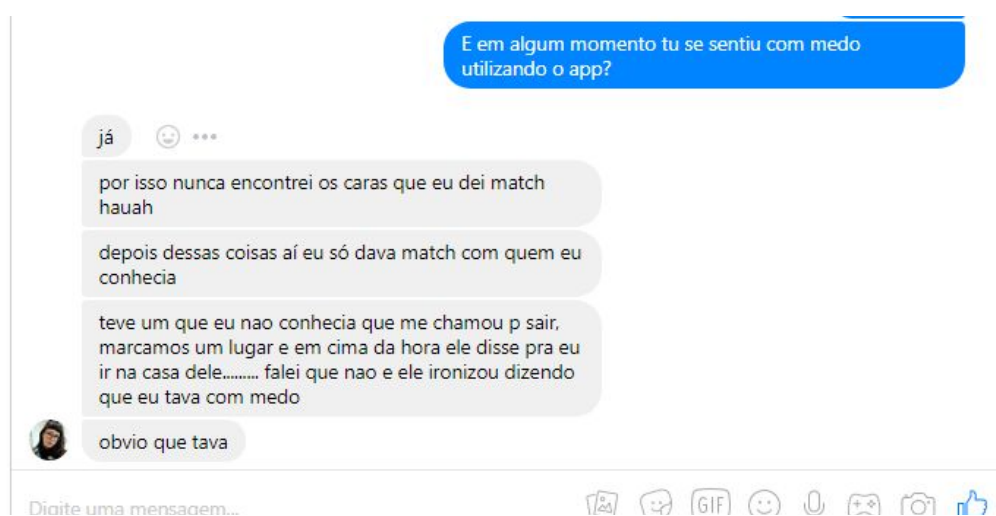
A inserção na cultura do outro, os processos de transformação que a digitalização dos meios de comunicação proporcionam, as novas práticas sociais, devido as plataformas digitais, estão mudando a forma como as pessoas se relacionam. Em uma entrevista realizada pela pesquisadora SBRISSA (2017) com um estudante e morador da CEU II na UFSM, relata que, para ele, o Tinder parece fazer parte de um momento de desespero na tentativa de conhecer um parceiro(a).

Em algumas conversas informais via Facebook com usuárias do app, percebi que muitas mulheres tinham o objetivo de encontrar um relacionamento sério pelo aplicativo, e muitas delas atingiram o objetivo, como a Beatrice no print abaixo.



Por outro lado, Pereira (2017), em sua dissertação de mestrado diz existir mulheres com objetivos diferentes dentro do *app* e que esta divisão é bastante visível, além disso, ela faz referência a obra de Figueiredo (2016) que fez um estudo sobre os usos do *Tinder*, segundo a pesquisadora existe o uso curioso, o recreativo e o racional.

O segundo entrevistado de Sbrissa (2017), destaca algo muito interessante, no *Tinder* é possível usar fotos tratadas em softwares e aplicativos como photoshop, canva e outros. Além disso, não existe certificação alguma por parte do *app* de que aquelas as fotos dos usuários são realmente da pessoa que está do outro lado do smartphone. O que leva muitas mulheres a terem medo de conhecer seus matchs, e na maioria das vezes elas querem encontrá-los a luz do dia e em público.



EXPERIÊNCIAS DE MULHERES SANTAMARIENSES NO TINDER: VIOLÊNCIA, PRECONCEITO E MEDO

Entrevistei cinco mulheres que residem na cidade Santa Maria, de perfis diferentes e com algo em comum, todas fazem ou já fizeram uso do aplicativo digital Tinder e desejam/desejavam conhecer pessoas novas. As entrevistas em profundidade foram presenciais e aplicadas nos meses de setembro, outubro e novembro de 2017. Todas foram convidadas previamente através de conversas informais e via Facebook.

Fernanda

Fernanda tem 22 anos, é natural da cidade de Passo Fundo (RS) e está no 2º semestre do curso Biologia na UFSM. Ela é moradora da Casa do Estudante Universitário (CEU II), localizado no campus da UFSM da cidade de Santa Maria. No período diurno ela se dedica ao curso e ao seu trabalho em uma escola no bairro Camobi, já no período da noite, a Fernanda se envolve com as atividades da igreja que participa, a Igreja dos Santos dos Últimos Dias (SUD), religião na qual não é permitido relação afetiva entre não-membros da instituição.

Quando conversei com ela, percebi que estava com medo de contar sobre suas histórias durante os seis meses que utilizou o Tinder. Depois de deixar claro que ela não gostaria que sua identidade fosse revelada, e após eu a certificar que isso não iria acontecer, ela abriu um sorriso e começou a contar suas histórias com o *app*. A primeira delas foi com um menino de mais ou menos 23 anos que foi extremamente gentil quando se conheceram, mas não foi tão intenso como gostaria e logo ela desistiu do rapaz. Entre tantos matchs, a Fernanda resolveu sair com outro rapaz, aparentemente muito educado e gentil, eles saíram de carro à noite e ele só queria sexo e quando ela explicou que era de uma religião da qual não se pode ter relação sexual antes do casamento, o rapaz de 25 anos ficou surpreso mas a respeitou. O encontro não durou muito tempo, e logo ele a levou para casa, depois disso, nunca mais se falaram. Ela diz

ter gostado do rapaz, mas infelizmente ele não queria nada sério, e era o que ela estava a procura no aplicativo.

Fernanda conta que seu objetivo dentro do app, era encontrar alguém para um relacionamento sério, e que estivesse disposto a entrar para igreja. Foram seis tentativas, dentre 53 matchs, na maioria das vezes o homem não superava suas expectativas ou queria apenas diversão.

Quando questionei se ela chegou a passar por alguma situação desagradável por utilizar o *app*, além das citadas, ela revelou que sentia muito medo que alguém da igreja descobrisse:

Lá as pessoas são bitoladas, não entendem o que é tinder, acham que é só pra coisinha, eu não tô lá pra isso, tô procurando alguém, sabe?! Por isso que eu não falo pra ninguém, as pessoas ficam falando da vida alheia, como se eu não soubesse dos meus princípios como cristã. O senhor sabe que eu não faço nada de errado, isso que importa.

Ela ressalta ainda que por ser mulher, a cobrança é muito maior. Até por pessoas que não são da igreja. Ela contou a história que teve com um amigo homossexual e ativista das causas LGBT:

Minha prima veio aqui em casa, e lançou uma frase bem sarcástica do tipo, Fernanda tô sabendo dos teus lancinhos aí, tu tem que se cuidar, fiquei sabendo até que tu tava beijando um menino na frente do bloco que tu mora. Eu só tinha contado essa história pra esse amigo, e ele espalhou pra todo mundo, inclusive ele disse que eu estava muito errada por estar saindo com todo mundo, mas nossa, ele já saiu com vários homens do Tinder, achei aquilo muito desaforo e fiquei muito triste. Ele ainda deu a desculpa que era porque eu era mulher, e que um homem idiota poderia fazer algo comigo. Brigamos feio e ficamos meses sem nos falar.

Pietra

Pietra tem 20 anos, é aluna do 6º semestre de zootecnia na UFSM e nunca teve relação sexual com ninguém. Ela é natural de Julio de Castilhos, atualmente mora sozinha no bairro Camobi, vive da renda de seus pais e com a bolsa que tem na Universidade. Ela está no Tinder a mais de quatro anos.

Eu era muito tímida, bem nerd na escola e não conseguia ficar com ninguém, então conheci o Tinder e de lá pra cá foram muitos rapazes e eu não faço ideia de quantos eu já saí. É... na maioria das vezes eles foram gentis, perguntavam se eu tava bem e sempre saíamos de dia, mas bah... saí três vezes de carro, não sei o que deu na minha cabeça, mas saí, sou muito burra, idiota. Imagina se acontece algo comigo, meus pais não moram aqui né

Enquanto esfregava o chão da cozinha com uma vassoura, a Pietra me contou inúmeras histórias, ao contrário da Fernanda, ela não se importava em dizer que usava o aplicativo, inclusive relatou que seus pais sabiam e que também usavam o app:

É muito engraçado, meu pai e minha mãe tem Tinder, e um dia os dois se cruzaram (gargalhadas), são muito coitados, claro que não deu match né, eles são separadas já faz uns três anos, foi logo que eu vim morar em Santa Maria, eu morri rindo quando minha mãe me contou.

Dentre as inúmeras histórias, ela conta que chegou a namorar com um menino do Tinder da cidade de Canoas (RS), conversaram por dois meses e resolveram se conhecer, depois disso, assumiram um relacionamento que durou três meses. Ela diz ter sido muito respeitada pelo rapaz, e nas poucas vezes que se viram ele nunca tentou nada além de beijá-la. Terminaram devido a distância e porque o sentimento não era recíproco entre os dois.

No mais, as histórias sempre foram parecidas, saía com homens entre 20 e 26 anos, na luz do dia e quando ela percebia que a intenção era apenas sexo, ela se afastava.

Viviane

A funcionária terceirizada da UFSM, é funcionária da SulClean, empresa de serviços terceirizados que atua na prestação de serviços de limpeza, portaria, vigilância e manutenção predial. Ela tem 27 anos, natural de Santa Maria, é separada e tem um filho de três anos. A Viviane conheceu o seu ex-marido no *Badoo*, ficaram juntos por 4 anos e estão separados há um ano e cinco meses. Depois da desilusão, voltou para os aplicativos de relacionamento para buscar um novo amor.

Eu tô no Tinder porque quero achar alguém pra namorar sério, já fiz isso e deu certo, ou não (risos), mas tá difícil de encontrar. Eu saí com alguns caras até, mas é complicado, porque eu tenho criança pequena e não tenho muito com quem deixa de noite. Ele fica com a minha mãe pra mim trabalhar, e eu não posso abusar né.

Quando questionei sobre a reação dos homens quando descobrem que ela tem filho, ela respirou fundo e disse que não comentava sobre isso, porque os homens não

aceitavam uma mãe no *Tinder*. Ela teve em torno de 30 matches no aplicativo e saiu, durante esse ano, com cerca de seis rapazes e três deles foram abusivos.

Eu não sei o que eles acham, se é porque eu tô no aplicativo ou sei lá, eu não tô lá só por... tu sabe né, o que eles querem, é como eu disse né, eu quero alguém legal pra mim e pro meu filho. Teve um cara que passou a mão em mim, sem minha permissão, eu queria morre, tava com muita vergonha, mas não xinguei, nem nada. Mas ele viu na minha cara, fiquei até com medo dele dizer, sei lá, vai que ele fosse um abusador, ele era mais velho e bem mais grande que eu.

Viviane diz ter algumas amigas casadas, ainda do tempo em que mantinha relacionamento com o seu ex-marido. E essas mulheres não aprovam ela utilizar o aplicativo *Tinder*, pois ela é mãe e deveria se dedicar mais ao seu filho, já que Viviane passa boa parte do seu tempo trabalhando.

Francine

A jovem de 25 anos, formada em Biologia é mulher negra e diz ter se reconhecido como tal há um pouco mais de um ano, quando começou a participar de movimentos de mulheres negras aqui na cidade de Santa Maria, utilizou o *Tinder* até seus 22, quando conheceu seu atual namorado em uma festa tradicional da Universidade Federal de Santa Maria, o Centro de Eventos. Quando questionei sobre suas histórias, ele iniciou dizendo que sempre teve muita dificuldade em se relacionar com homens, mas que sempre teve bastante matches, e que nunca sofreu preconceito por ser mulher negra na rede social.

é que se a pessoa me deu match, que dizer que ela gosto de mim, por isso que eu acho que não sofri preconceito na rede, eu não tenho como saber qual foi o motivo de outras pessoas não me darem match, entende? mas é certo que muita gente vê a minha foto e não curti por eu ser mulher negra. Eu não tenho dúvida disso, é ridículo mas é a nossa realidade.

Quando perguntei o porquê de ela ter dificuldade de se relacionar com homens, ela desabafou:

então, é algo muito difícil pra mim, e desculpa se eu chorar... eu sempre choro, mas quando eu tinha 11 pra 12 anos, eu fui abusada pelo meu tio e não fui só eu, minha irmã passou pela mesma coisa. Eu tinha dificuldade em me relacionar até com meu namorado. No ano passado eu surtei com isso, um surto mesmo, fui direto pro meu psicólogo, eu não aguentava mais esconder e ele me disse pra contar pro meu namorado, porque o bruno não entendia o porquê que eu tava agindo daquela maneira com ele. Decidi contar pros meus pais também, depois de muito tempo, e meu pai não fez nada, o que mais me

dói foi ver meu pai cumprimentar aquele infeliz na minha frente, mesmo ele sabendo de tudo que aconteceu comigo e com a minha irmã.

Depois do relato não consegui fazer mais perguntas, só questionei se ela achava que o aplicativo era seguro para as mulheres, e ela disse que nada é seguro para as mulheres e que sempre estaremos vulneráveis às atrocidades dos homens.

Maria

A moradora do bairro Urlândia, têm 49 anos e atualmente trabalha em um posto de saúde como faxineira na cidade de Santa Maria. Ela possui quatro filhas, todas de pais diferentes, uma delas formada em direito e outra em administração, já as outras duas são estudantes do ensino médio. Maria diz ter uma vida amorosa muito agitada. Seu último marido, já falecido, era policial e morreu em um combate. Depois disso, passou a utilizar o *Baddoo*, um site de relacionamento onde encontrou vários homens, os quais fez contato pessoal, chegou a baixar o Tinder mas não se adaptou.

Eu tive esse tiu... tiunder, esse negócio aí, mas não tinha quase ninguém, até que tinha um lá que outro, mas quase nada, aí troquei de celular e nunca mais usei. Daí voltei pro Baddoo, agora não posso mais né, agora tenho o Zé.

A Maria não teve boas experiências com o aplicativo, pareceu estar frustrada quando falava sobre e diz nunca ter saído com ninguém da plataforma digital. Sua experiência com a rede durou menos de três meses, tempo o bastante para ela desaproveitar o *app*.

Analisando os diferentes perfis pesquisados, foi possível identificar que a violência de gênero está presente independente de raça, credo, poder aquisitivo, escolaridade ou localidade. A maioria das pesquisadas relatam ter sofrido com assédio moral ou sexual por parte dos matchs. Muitas delas se cadastraram no Tinder na procura de um relacionamento sério, e quase nenhuma atingiu o objetivo, o que nos faz pensar que a plataforma realmente serve para encontros casuais.

Percebe-se também que a Viviane, mãe solteira, recebeu menos matchs em um ano, do que a jovem Fernanda em seis meses. Talvez Viviane não estivesse nos padrões de “normalidade” impostos pela sociedade, ou talvez por ser mãe, ela não seja aceita na rede.

Através dos relatos entendemos que a rede social funciona muito mais para jovens, já que Maria (49) e Viviane (27) não atingiram seus objetivos, nem mesmo o de achar alguém para encontros casuais. Pelo relato de Francine, identificamos a violência de gênero e racial. Por ser mulher negra, a jovem entende que sua trajetória é duplamente mais complicada, comparada a do homem branco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tantos relatos, percebemos que a violência de gênero está enraizada em nossa cultura. Algumas mulheres necessitam da aprovação masculina ou têm medo da opinião do amigo ou familiar por utilizarem o *Tinder*. Para algumas religiões, o corpo feminino ainda é visto como um templo a ser preservado, e que de forma alguma pode se relacionar com pessoas consideradas impuras. No geral, as pesquisadas tiveram experiências boas e ruins com o *app*, muitas delas estão a procura de um relacionamento sério e acreditam fielmente que isso possa se concretizar. Elas não são mal vistas por quem utiliza o *Tinder*, mas sim, por aqueles e aquelas que não fazem uso da rede.

Não tenho a intenção, aqui, de revisar a trajetória do conceito de gênero e dos movimentos, mas precisamos reforçar a importância dos movimentos feministas e de como as mulheres estão se empoderando a partir desses grupos organizados. A grande maioria sabe o que sofre e o porquê. Apesar de ainda tímida, a presença dessa temática vem ganhando força no campo.

A problemática me despertou interesse, quando percebi que por ser mulher e por estar no *Tinder* merecia ser alvo de críticas e sarcasmos. A aventura da pesquisa ao longo de uma iniciação científica, me fez perceber que eu também faço parte desse universo pesquisado, que também sofro a violência da qual tantos teóricos apresentam. Ter que escutar que uma jovem foi estuprada por um familiar, anotar e gravar, não é tarefa fácil, mas despertou minha vontade em publicizar e falar cada vez mais sobre a violência que nós, mulheres, passamos todos os dias.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação. Economia, Sociedade e Cultura. Lisboa, v. 1, 2002.

CHAUÍ, Marilena. “Participando do Debate sobre Mulher e Violência”. In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher 4*, São Paulo, Zahar Editores, 1985.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Comunicação e Gênero: A aventura da pesquisa*. RS: Porto Alegre, EdiPUCRS, 2008.

FIGUEIREDO, Lígia Baruch. *Tinderelas: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphones*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.

HALL, Stuart. *The work of representation*. In: Stuart Hall (Org). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. London: Sage, 1997, p. 13-64.

MATEN, Justin. *Descrição tinder*. Acesso em: 06 de setembro de 2017. Disponível em <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.tinder&hl=pt>

MESSA, Márcia Rejane. *Comunicação e Gênero: A aventura da pesquisa*. Org Ana Carolina Escosteguy. RS: Porto Alegre, EdiPUCRS, 2008.

LEITE JÚNIOR, J. *Das maravilhas e prodígios sexuais: A pornografia bizarra como entretenimento*. 1. ed. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2006.

LIPOVETSKY, G. *A Terceira Mulher: permanência e evolução do feminismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

PEREIRA, Camila Rodrigues. “Em um relacionamento sério com o celular”: etnografia das práticas de consumo de smartphones por mulheres. *Dissertação (Mestrado em Comunicação)*. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 79-80.

SBRISSA. L. *Smartphones e subjetividades: práticas de consumo de universitários(as)*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.